

PASTORAL UNIVERSITÁRIA NA EUROPA

o instrumento de trabalho (Roma, Dezembro de 2003)

IDENTIDADE, RELEVÂNCIA E URGÊNCIA DA PASTORAL UNIVERSITÁRIA

«A Europa, à qual somos enviados, sofreu tais e tantas transformações culturais, políticas, sociais e económicas que põe o problema da evangelização em termos totalmente novos. Poderemos também dizer que a Europa, tal como se configurou após os complexos acontecimentos do século passado, pôs o desafio mais radical que a história conheceu ao cristianismo e à Igreja, mas abre hoje novas e criativas possibilidades de anúncio e de encarnação do Evangelho» (JOÃO PAULO II, Discurso ao Conselho das Conferências Episcopais Europeias, 11 de outubro de 1985).

«O anúncio de Jesus Cristo deve alcançar também a cultura europeia contemporânea. A *evangelização da cultura* deve mostrar que hoje, nesta Europa, também é possível viver em plenitude o Evangelho enquanto itinerário que dá sentido à existência. Para isso (...), é preciso fazer uma serena análise crítica da situação cultural actual da Europa, avaliando as tendências salientes, os factos e as situações de maior relevância do nosso tempo à luz da centralidade de Cristo e da antropologia cristã. Recordando a fecundidade cultural do cristianismo ao

longo da história da Europa, também hoje é preciso mostrar a perspectiva evangélica, teórica e prática, da realidade e do homem. Além disso, considerando a grande relevância das ciências e das realizações técnicas na cultura e na sociedade da Europa, a Igreja, através dos seus instrumentos de aprofundamento teórico e de iniciativa prática, é chamada a apresentar as suas sugestões acerca dos conhecimentos científicos e das suas aplicações, indicando o carácter insuficiente e inadequado duma concepção inspirada pelo cientismo, que pretende reconhecer como objectivamente válido apenas o saber experimental, e oferecendo os critérios éticos que o homem possui inscritos na própria natureza (...) De modo particular, há que valorizar o contributo dos cristãos que se consagram à pesquisa e à docência nas *Universidades*: com o "serviço do pensamento", eles comunicam às jovens gerações os valores de um património cultural enriquecido por dois milénios de experiência humanística e cristã. Convict da importância das instituições académicas, peço ainda que nas diversas Igrejas particulares seja promovida uma adequada *pastoral universitária*, favorecendo deste modo a resposta às necessidades culturais actuais» (JOÃO PAULO II, *Ecclesia in Europa*, 58 - 59).

A nova evangelização é impensável sem uma marcada e específica solicitude pastoral pelo mundo da cultura.

A situação cultural contemporânea e o exponencial crescimento numérico dos estudantes (e, proporcionalmente, dos docentes) tornam a Universidade ambiente de acção pastoral ordinária e específica. A pastoral universitária, inserida harmonicamente no quadro de uma pastoral orgânica capaz de conjugar o cuidado das comunidades territoriais com o das realidades de categoria e ambiente, «concretiza a missão da Igreja na Universidade e faz parte integrante da sua actividade e da sua estrutura» (Cf JOÃO PAULO II, *Ex Corde Ecclesiae*, Constituição apostólica sobre as Universidades Católicas, 15 de agosto de 1990, 38).

A dimensão cultural atravessa-a e qualifica-a, indicando-lhe a tipicidade. Sob este perfil, antes de distinguir idade e situações diferentes, é posta em evidência a comum vocação e missão à evangelização da cultura e à inculturação da fé.

A pastoral universitária é o cuidado pastoral específico do mundo universitário nas suas diversas realidades.

Por aquilo que diz respeito à componente estudantil, qualifica-se no âmbito da pastoral juvenil mas não se reduz a ela.

Sujeito adequado da pastoral universitária é a comunidade eclesial, na sua estrutura orgânica e nas suas diversas articulações: «É desejável que as comunidades cristãs, padres, religiosos e fiéis reservem maior atenção aos estudantes e aos docentes, bem como ao apostolado das capelanias universitárias» (PCUCU III, 4).

A pastoral universitária atravessa todo o campo da acção eclesial. No cuidado pastoral das comunidades sobre o território, a dimensão da cultura tem um papel fundamental. Na catequese de jovens e adultos, onde mais agudamente se põe a pergunta existencial e mais apertado o confronto com os mestres da suspeita a com as insídias de falsas doutrinas, torna-se essencial a capacidade de interpretar o drama humano, com lucidez de discernimento evangélico. A pastoral universitária oferece o contributo e o estímulo para uma proposta de fé atenta às perguntas e às exigências profundas do homem contemporâneo, sempre pronta a dar razão da fé (cf 1Pe. 3,15).

A pastoral universitária é respeitadora do carácter próprio da instituição universitária e desenvolve-se na convicção que a fé cristã não só não invade terrenos 'profanos', mas é de grande ajuda na realização das finalidades autênticas da Universidade. Em forma e estilo de diálogo:

«A Igreja dirige-se ao homem no pleno respeito pela sua liberdade: a missão não restringe a liberdade, pelo contrário favorece-a. *A Igreja propõe, não impõe nada*: respeita as pessoas e as culturas, detendo-se diante do sacrário da consciência» (*Redemptoris Missio*,39).

A vida universitária é lugar privilegiado de inteligência da fé. Segundo a doutrina católica, a fé não é um puro paradoxo: só enquanto acto intelectualmente razoável ela é digna de Deus e do homem: «a fé, por isso, não teme a razão, mas procura-a e confia nela» (JOÃO PAULO II, *Fides et ratio*, 43).

A fé é capaz de gerar cultura: vive nas dimensões da cultura, mesmo se não se limita a elas. Poder-se-ia dizer que «a função essencial de uma cultura seja dar ao ser humano um lugar em que ele possa verdadeiramente habitar, em que possa verdadeiramente sentir-se na 'própria casa'... O que é decisivo é o modo com que o homem se compreende a si mesmo, modo que fornecendo uma âncora à sua existência, lhe dá também a dimensão de um destino» (LADRIÈRE, *I rischi della razionalità. La sfida della scienza e della tecnologia alle culture*, Torino, SEI 1978, 114.115).

- «Se a fé cristã é uma *fides quaerens intellectum*, o intelecto humano é um *intellectus quaerens fidem*, um intelecto que para reencontrar a recta confiança em si mesmo deve abrir-se confiante a uma verdade maior do que si mesma. Esta verdade feita humana, e por isso não mais estranha a cada humanismo verdadeiro, é Jesus, o Cristo, a Palavra de vida eterna» (JOÃO PAULO II, 18.04.1982, à Universidade de Bologna).
- «A tomada de consciência dos limites da ciência é uma grande ocasião oferecida ao nosso tempo. De facto, ela orienta em direcção a uma das maiores tarefas da cultura: a da integração do saber, no sentido de uma síntese na qual o conjunto impressionante dos conhecimentos científicos encontraria o seu significado no quadro de uma visão integral do homem e do universo, da *ordo rerum*. O diálogo respeitoso entre teologia, ciências da natureza e ciências humanas revela-se mais necessário e urgente do que nunca» (JOÃO PAULO II, 13.06.1984, à Universidade di Friburgo, Suíça).
- «O núcleo gerador de cada autêntica cultura é constituído pela sua abordagem ao mistério de Deus... É a partir daqui que se deve construir uma nova cultura» (JOÃO PAULO II, Discurso ao encontro eclesial de Palermo, n.4).

- «Perante o desenvolvimento de uma cultura que se configura dissociada não só da fé cristã, mas até dos próprios valores humanos; como também perante uma cultura científica e tecnológica incapaz de dar resposta ao emergente pedido de verdade e de bem que arde no coração dos homens, a Igreja está plenamente consciente da urgência pastoral de ver reservada à cultura uma atenção muito especial» (JOÃO PAULO II, *Christifideles Laici*, 44).

A atestação da verdade é uma forma eminente de caridade evangélica. Se é verdade, de facto, que «o homem contemporâneo crê mais nos testemunhos do que nos mestres» (PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, 41), e que o testemunho da vida cristã é a primeira e insubstituível forma da missão, é também verdade que ao homem «não basta ser amado nem amar. Tem necessidade de saber e de compreender: o homem tem necessidade de verdade» (C.E.I., *Evangelização e testemunho da caridade*, 10).

A pastoral universitária contribui para a criação de um novo humanismo: «o homem, na plena verdade da sua existência, do seu ser pessoa e também do seu ser comunitário e social... este homem é a primeira estrada que a Igreja deve percorrer na realização da sua missão: ele é a primeira e fundamental via da Igreja, via traçada por Cristo mesmo, via que imutavelmente passa através do mistério da Incarnação e da Redenção" (JOÃO PAULO II, *Redemptor Hominis* 14)».

«A Universidade, que por vocação é chamada a desempenhar um papel de primeiro plano no desenvolvimento da cultura, vê-se exposta a dois riscos antagónicos: o de sofrer passivamente as influências culturais dominantes, ou então tornar-se marginal em relação às mesmas... A Universidade e, de maneira mais vasta, a cultura universitária constituem uma realidade de importância decisiva. Neste ambiente, estão em jogo questões vitais e profundas mudanças culturais com consequências desconcertantes que suscitam novos desafios. A Igreja não pode deixar de os acolher na sua missão de anunciar o Evangelho» (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, PONTIFÍCIO CONSELHO PARA OS LEIGOS, PONTIFÍCIO

CONSELHO PARA A CULTURA, *Presença da Igreja na Universidade e na cultura universitária*, 22 de maio de 1994, p.9 n.6).

Com tal finalidade se activam os *laboratórios da cultura*: «façam de modo, caríssimos homens da investigação científica, que as Universidades se tornem "laboratórios culturais" nos quais entre teologia, filosofia, ciências do homem e ciências da natureza se dialogue construtivamente, olhando para a norma moral como para uma exigência intrínseca da investigação e condição do seu pleno valor na abordagem da verdade» (JOÃO PAULO II, *Discurso aos participantes no encontro mundial dos docentes universitários*, 9 de Setembro de 2000).

Os *laboratórios* propõem-se:

- Reabrir os espaços da investigação da verdade, como ambiente típico da Universidade
- Apontar para a perfeição integral da pessoa humana e para o bem da sociedade
- Educar para uma cultura integral, no diálogo aberto, franco, respeitador, sereno em coerência com a densidade polisémica da fé cristã: "cultura cristã" é expressão tipológica não monológica.

NO QUADRO DE UMA PASTORAL ORGÂNICA

1. PARÓQUIA E PASTORAL UNIVERSITÁRIA

A perspectiva

A paróquia, primeira visibilização e realização da Igreja num lugar, ressent-se fortemente da situação social e cultural. A imagem da paróquia como centro natural da vida de uma comunidade no território pertence ao passado. O Papa, com expressão profética, chamou a paróquia a «procurar-se a si mesma fora de si mesma» (Aos Párocos de Roma, Quaresma 1986).

Isto implica uma recuperação de imagem custosa e exigente, de modo que as comunidades no território apareçam como lugares de alta significação humana e espiritual, de sabedoria e de saber. Lugares, em suma, onde se cultiva a vida e se ilumina o sentido. Esta tarefa toca em primeiro lugar aos protagonistas do mundo universitário e das agências culturais; juntamente porém com as comunidades eclesiais (paróquias etc.), cuja imagem deve ser urgentemente resgatada do lugar comum que a relega para a sub-cultura. Não é por isso uma problemática que se põe fora da pastoral ordinária, mas no seu próprio centro pulsante.

As prioridades

1. reconfigurar em forma de pensamento pastoral e de acção concreta a relação entre pastoral ordinária e cultura (imagem 'cultural' de paróquia)
2. superar definitivamente a restrição da pastoral universitária a cuidado pastoral dos estudantes na universidade, para lhe restituir a própria

autêntica fisionomia de momento específico e saliente de pastoral da cultura

3. compreender e activar a pastoral universitária como caminho privilegiado de primeira evangelização
4. delinear concretamente a relação entre os sujeitos operantes na dimensão territorial (paróquia, município) e aqueles agentes operantes directamente no âmbito da universidade (capelarias, paróquias universitárias).
5. perspectivar, entre as vocações cristãs eclesiais, o específico da vocação dos universitários (docentes e estudantes) para a inculturação da fé e a evangelização das culturas

Os requisitos

Para isto é necessário desenvolver:

1. a consciência firme e amadurecida que o sujeito adequado da pastoral universitária é a comunidade eclesial, na sua estrutura orgânica e nas suas diversas articulações
2. a percepção que nenhum papel significativo é reivindicável à paróquia se ela não retoma com vigor o alto perfil cultural que, ainda que com modalidades e num contexto profundamente diferente, teve no passado (certamente ao serviço do Evangelho e não por orgulho ou por vã presunção)
3. a persuasão motivada de que a capacidade do Evangelho inspirar e animar a cultura não vai por automatismos, mas pede o trabalho paciente e firme na pastoral ordinária
4. a valorização (em termos de apreço, de sustentação, de disponibilidade de pessoas e estruturas) da obra urgente, delicada e árdua de inculturação da fé, nos seus momentos qualificantes:

- diálogo cultural: confronto, respeitoso e claro, como abertura e processo no caminho em direcção à verdade
- discernimento cultural: valorização, purificação, enriquecimento das realidades culturais históricas
- elaboração cultural: dinamismo criativo de produção de culturas que, na sua tipicidade, sejam cristãmente qualificadas e levem a força renovadora do Evangelho dentro dos mais íntimos nós da história.

2. PASTORAL UNIVERSITÁRIA E PASTORAL JUVENIL

Pastoral juvenil é expressão que indica apropriadamente a acção eclesial com que os jovens (e o seu 'mundo') são considerados protagonistas e destinatários de modo próprio e específico, para que a eles seja levada a boa nova de Jesus Cristo, Filho de Deus e Redentor do homem, lhes seja comunicada a vida nova nele, de modo que possam formar o seu corpo e, enriquecidos pelos dons do Espírito, saibam caminhar na história como povo de Deus, vivendo como seus filhos, amando-O nos irmãos e dando-Lhe graças. Por aquilo que diz respeito ao âmbito estudantil, a Pastoral Universitária é forma específica de pastoral juvenil; não configurável, porém, *sic et simpliciter* como subdivisão (sector) da mesma, enquanto a pastoral universitária nem é reduzível ao cuidado e formação dos estudantes, nem é pensável, neste mesmo âmbito circunscrito, ao exterior, independentemente da globalidade da sua organização e do seu rosto, que a ligam estruturalmente - e não só organizativamente - com a pastoral da cultura e com a tarefa que no mundo universitário primariamente cabe sob o perfil da inculturação da fé. Pode-se por isso afirmar que a pastoral universitária, não reduzível à pastoral juvenil ou a um sector da mesma, coloca-se, na sua peculiaridade, como pastoral juvenil cada vez que se dirige e envolve com os jovens.

A pastoral juvenil valoriza, de modo harmónico e coordenado, as formas próprias de pastoral universitária, enquanto se dirige aos estudantes, pela sua pessoal formação (discurso análogo para a relação entre pastoral dos adultos e pastoral universitária enquanto dirigida à formação permanente dos docentes).

3. A CAPELA SINAL ECLESIAL NA UNIVERSIDADE

Colocada como lugar significativo no contexto da Universidade, a Capela anima nas formas e nos modos o ambiente universitário: «A Capela - cada Capela universitária - prossegue assim o seu caminho pastoral intensificando a dedicação apostólica que a caracteriza desde sempre: ela é lugar do espírito, onde permanecem em oração e encontram alimento, orientação e força os crentes em Cristo, que vivem com modalidades diferentes a própria vida da Universidade; é *ginásio* de virtudes cristãs, onde cresce e se desenvolve a vida baptismal, e se exprime com ardor apostólico; é casa acolhedora e aberta, para todos aqueles que, ouvindo o Mestre interior, se fazem buscadores de verdade e servem o homem na dedicação diária a um saber não isento de horizontes angustos pragmáticos. No contexto da modernidade declinante, ela torna-se, com forte acento, centro vivo e propulsor de animação cristã da cultura: no diálogo respeitador e franco, na proposta clara e motivada (cf. 1Pe. 3,15), no testemunho que interroga e convence» (JOÃO PAULO II, *Discurso aos Capelães europeus*, 1 de de Maio de 1998).

A capela universitária é chamada a alargar e integrar a função tradicional de cuidado espiritual dos indivíduos, tornando-se verdadeiro **centro pastoral e cultural**: «Nesta perspectiva também a fisionomia das Capelarias que desde sempre acompanham com cuidado espiritual a vida da comunidade universitária, se enriquece. Elas tornam-se mais completamente, centros pastorais autênticos de animação cultural e espiritual» (JOÃO PAULO II,

Homilia na Missa para os universitários dos Ateneus Romanos, 12 de Dezembro de 1996). Tal tarefa comporta uma mais estreita e valorizada colaboração de docentes e estudantes, chamados a mostrar assim concretamente aquela ligação fecunda entre fé e saber que constitui ponto originário da sua espiritualidade específica. Colocada em diálogo fecundo com as diversas componentes da Universidade e especialista no cuidado espiritual personalizado, a Capela responde à exigência de manter vivos culturalmente os campos da busca de Deus e do testemunho da fé e nutre a atitude fundamental da esperança oferecendo uma palavra que dá sentido e valor à sua inteira existência e oferecendo-lhe motivações sólidas e profundas para o empenho quotidiano na transformação da realidade para a tornar conforme ao projecto de Deus» (TMA 46).

Na Capela activam-se os laboratórios da fé, para um aprofundamento da Verdade cristã em relação à vocação pessoal de cada um e às exigências do testemunho no mundo da cultura.

4. PASTORAL UNIVERSITÁRIA E REALIDADES AGREGATIVAS

A pastoral universitária e a capela colaboram com as instituições da pastoral sobre o território e, particularmente, com os Colégios universitários, que constituem lugares específicos nos quais a comunidade cristã concretiza de forma significativa a conjugação fecunda entre pedagogia da fé e pastoral da cultura. Também eles são chamados, na perspectiva jubilar, a renovar a própria imagem e o próprio precioso serviço eclesial e social, para a preparação de profissionais e estudiosos que saibam permear os âmbitos das actividades humanas com a força transformadora do Evangelho.

A pastoral universitária acolhe e valoriza as associações, movimentos e grupos de fiéis que estão presentes e operantes nos ambientes universitários, segundo as suas diversas modalidades de serviço, contando com a sua disponibilidade a manter relações de comunhão e colaboração.

5. A FORMAÇÃO DOS FORMADORES

É necessária e urgente; exigente, apropriada e específica: sobre uma base comum (formação de base dos operadores pastorais) deve individualizar características e requisitos (carismas) a cultivar em vista de encargos e responsabilidades determinadas. Entre as competências, assinalam-se sobretudo:

- Atitude de diálogo e acolhimento
- Visão cristã da cultura e da sociedade
- Conhecimento e comunicação motivada pelas primeiras palavras da fé (primeira evangelização)
- Sensibilidade e pedagogia cristã
- Conhecimento e respeito do mundo da Universidade
- Sentido profundo da eclesialidade.